



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



João Paulo da Silva

**CRÔNICAS DO COTIDIANO: o
outro em mim**

Produto jornalístico

Mariana
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO



João Paulo da Silva

CRÔNICAS DO COTIDIANO: o outro em mim

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina Maia

Mariana
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586c Silva, Joao Paulo Da.

Crônicas do cotidiano [manuscrito]: o outro em mim. / Joao Paulo DaSilva. João Paulo Da SILVA. - 2021.

28 f.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina MAIA.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Caráter. 2. Crônicas. 3. Escrita. 4. Jornalismo. I. SILVA, João Paulo Da. II. MAIA, Marta Regina. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

João Paulo da Silva

CRÔNICAS DO COTIDIANO: o outro em mim

Memorial apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 17 de dezembro de 2021

Membros da banca

Doutora Marta Regina Maia - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutora Karina Gomes Barbosa - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Mestre Rafael Drumond (Universidade Federal de São João Del Rei)

Marta Regina Maia, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/06/2022



Documento assinado eletronicamente por **Marta Regina Maia, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/06/2022, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0351505** e o código CRC **3C60D57F**.

Dedico este livro a todos e todas que ousaram correr atrás de seus sonhos, ainda que alguns dissessem que já era tarde demais. Àqueles que de algum modo sempre se sentiram inadequados, mas com seus corações repletos de rebeldia. Aos que, às vezes ou sempre, ficavam sozinhos na hora do recreio por serem diferentes. Aos que passavam os longos fins de semana sozinhos acalentados por histórias e por canções, tentando encontrar nessas expressões artísticas pelo menos um fragmento do que eram. Dedico a todos os párias de todas as ordens que nunca tiveram medo de ousar e aceitaram para si o grande desafio - que também em um direito sagrado - de querer e poder ser a si mesmos.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) por ser a grande propulsora do projeto de reinvenção que escolhi para mim mesmo. Sem o ensino público e gratuito isso seria muito mais difícil, talvez até impossível.

À Professora Doutora Marta Regina Maia, que encontrou uma brecha em seus inúmeros afazeres para ser minha orientadora e de muitos outros em caráter voluntário com total dedicação e comprometimento.

A Tino Ansaloni, fundador do Jornal Voz Ativa, onde já atuo há mais de cinco anos, por ter sido a primeira e única pessoa a me abrir as portas no mercado de trabalho na região. Sem o seu apoio e paciência esse diploma não seria possível.

Ao talentoso colega Elias Fernandes por ter me dado a honra de trabalhar no projeto gráfico do livro de forma totalmente espontânea, ou seja, sem visar lucro.

RESUMO

Este memorial consiste em reflexões bibliográficas acerca da produção do livro '*Crônicas do Cotidiano: o outro em mim*' - produto de trabalho para a conclusão de curso de bacharel em jornalismo, pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O livro aqui apresentado nasce da ideia de trazer a questão da cidade e seus deslocamentos por ela e amadurece sob a proposta de falar sobre as miduzas do cotidiano, a partir dos meus encontros e desencontros com o outro e comigo mesmo. Este memorial justifica-se então na contextualização do processo de desenvolvimento da escrita híbrida e autônoma - que caracteriza a crônica, gênero que circula entre o jornalismo e literatura. Foram trabalhados os conceitos de alteridade, deslocamento, a escrita de si e do outro e também a escrita como resistência.

Palavras Chave: Crônica; Alteridade; Jornalismo; Escrita, Resistência.

ABSTRACT

This memorial consists of bibliographical reflections on the production of the book 'Crônicas do Cotidiano: the other in me' - work product for the conclusion of a bachelor's course in journalism, at the Federal University of Ouro Preto (UFOP). The book presented here is born from the idea of bringing up the issue of the city and its displacements through it, and matures under the proposal of talking about the middays of everyday life, from my encounters and disagreements with the other and with myself. This memorial is justified then in the context of the development process of hybrid and autonomous writing - which notes the chronicle, a genre that circulates between journalism and literature. The concepts of alterity, displacement, the writing of oneself and the other and also writing as resistance were worked on.

Keywords: Chronicle; Alterity; Journalism; Writing, Resistance.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Escrita e resistência.....	12
3. A escrita de si e do outro.....	14
4. As crônicas.....	18
5. Deslocamentos.....	19
6. Plano de trabalho e pauta estendida.....	21
6.1 Breves apontamentos sobre o projeto gráfico.....	24
6.2 Processo criativo.....	24
7. Análise de resultados.....	27
8. Referências bibliográficas.....	28

1. Introdução

Aguardado com esperança, como todos os inícios de ano, 2020 mudaria para sempre a vida não só de 211,8 milhões de brasileiros, mas de toda a população global. No dia 11 de março, exatos 14 dias após o encerramento dos festejos de Carnaval, a festa mais popular do país, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o mundo vivia uma pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Descoberto em dezembro de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, o vírus se espalhou rapidamente por todos os continentes.

Por todo mundo, uma a uma, as cidades, independentemente de suas extensões geográficas, se tornaram verdadeiros cenários de um filme de ficção científica e foram fechadas por barreiras sanitárias. Turistas deixaram de ser bem-vindos. Amigos e familiares passaram a manter distância uns dos outros. Os comércios fecharam as portas. Isso para citar apenas alguns dos impactos causados pelo novo inimigo invisível.

Diante da forma exponencial como o vírus causador de uma doença pulmonar grave e, até então, totalmente desconhecido pela ciência se espalhava, os únicos remédios conhecidos até o momento, de acordo com os órgãos de saúde, eram o isolamento social, o uso das máscaras de proteção, a higienização constante das mãos, dos objetos de uso compartilhado e pessoal e dos ambientes de convivência.

Amparados por profissionais que travam uma batalha diária na linha de frente contra o novo coronavírus, neste momento, pesquisadores do mundo inteiro se debruçam sobre pesquisas com o objetivo de combater esse inimigo invisível. Os cientistas estão tentando de tudo, de medicamentos já existentes, a novas terapias, mas a maneira mais provável de acabar com a pandemia é a vacina, sempre ameaçada por novas cepas que são identificadas periodicamente.

Enquanto isso, assistimos a um impacto profundo nos mais variados setores da sociedade: na economia, na cultura, lazer, entretenimento, nas operadoras de saúde, nas interações sociais, e, em termos mais abstratos, no bem-estar psicoemocional das pessoas e até mesmo na maneira como enxergamos e nos posicionamos no mundo.

Consequentemente, impactos também são percebidos na educação. Instituições de Ensino de todo o mundo, inclusive a Universidade Federal de Ouro Preto, têm feito de tudo para mitigar a crise sanitária e impedir que seus professores, alunos, funcionários e toda comunidade escolar sejam atingidos pela Covid-19.

A contextualização acima se faz necessária para o entendimento de que a criação do livro “Crônicas do Cotidiano: o outro em mim”, produto jornalístico para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo pela UFOP nasce marcada por desafios. Ainda que o tema “pandemia”

não esteja presente nas 14 crônicas produzidas, de alguma forma o isolamento social, a solidão, a dificuldade de se estabelecer um contanto com outrem está contido em todas elas. Algumas vezes de forma mais clara, noutras apenas nas entrelinhas.

Aliás, são muitas as perguntas fundidas ao processo criativo do livro “Crônicas do Cotidiano: o outro em mim”. Em que medida, como sugerido por Lévinas (1997) e Butler (2015), eu posso dizer que o outro habita em mim? Até que ponto eu seria capaz de experienciar a vivência do outro?

Nós, os seres humanos, somos muito complicados. Ao mesmo tempo em que nos julgamos tão peculiares e inéditos, somos tão parecidos. As nossas dores, angústias e até alegrias são muito similares. Claro que principalmente as agruras da vida nos impactam diferentemente. Bom, talvez a alegria também, não é mesmo?

Ao mesmo tempo em que somos meros grãos de areia viajando pelo espaço ou como costume dizer nas horas em que assumo uma postura totalmente niilista, “apenas câimbras da matéria”, somos também feitos do mesmo pó do qual surgiram as estrelas. Nesse sentido também somos universo, então.

Ao me lançar na feitura desse livro precisei entender que é preciso ter alteridade para enxergar o universo do outro. Sobretudo, entendi que minha verdade não é mais importante do que a sua. Ela só me é mais importante pela única razão de ser minha, porque ninguém mais do que eu pode legitimá-la.

Não sei se por culpa do confinamento, por estarmos vivendo um cenário praticamente pós-apocalíptico ou por mera urgência diante do susto de ainda estar vivo, eu quis conhecer a mim mesmo. De repente a resposta para a pergunta primordial “quem sou eu?” Nunca me causou tanta necessidade. Nesse caos dramático em que me meti, mas que ao mesmo tempo pode habitar a alma de uma criança, eu cheguei à conclusão de que não posso responder à indagação.

O que posso fazer, pelo menos por enquanto, é apenas continuar tentando. Como? Ora por meio do outro. Como se lendo a palma de sua mão eu pudesse traçar o meu próprio caminho. Todo mundo tem um mapa? Ou todos nós estamos à deriva? Novamente assumo o niilista que habita em mim e digo que não disponho de guias, bússolas e nem setas. Mas disponho da linguagem.

Na fabulosa novela “A Hora da Estrela”, publicada por Clarice Lispector em 1977, a escritora disse que “quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo”. Acho que concordo com ela. A escrita não te leva a muita coisa. Mas é como se ao mesmo tempo uma pessoa ao ler uma das minhas crônicas, ainda no processo criativo, tivesse dito: “a história do outro é também a minha história”. Aliás, esse projeto, essas quatorze crônicas, nascem de uma pulsão extremamente egoísta. Ela

não firma acordos com a estética ou com a cultura. Quem por acaso chegar a lê-las, deve antes de tudo saber que as criei para mim mesmo, para meu benefício próprio, quem sabe para fugir da dor. Talvez eu tenha um pouco de dificuldade para me assumir enquanto escritor, mas posso, e devo, me assumir como jornalista, afinal a finalização do TCC me habilita nesse sentido. Além do mais, a crônica fica justamente nesse entrecruzamento, entre o fazer literário e a reportagem.

Parafraseando outro escritor de quem gosto muito, o gaúcho Caio Fernando Abreu, lembro que talvez nós escrevemos para mascarar a morte e também para existir resistindo. Afinal, existir é um grande esforço de compreensão e entendimento que não acaba nunca. Resistir também!

2. Escrita e resistência

A escrita e a leitura sempre foram, de certo modo, a minha forma de resistir. De resistir à violência doméstica, a uma inteligência negligenciada pelo sistema, a ataques homofóbicos dentro e fora da escola e até mesmo a uma “vida de clichê”, como sugere Eliane Brum (2009) no seu texto homônimo publicado na revista *Época*. Só que no meu caso, não uma vida clichê de classe média, como propôs a jornalista.

Embora eu e meus irmão tivéssemos de tudo para nos sentirmos no mínimo confortáveis, meus pais eram servidores públicos na prefeitura, jamais poderíamos nos dar ao luxo de sequer imaginar, por exemplo, viajar à Disney ou fazer um intercâmbio fora do país. Fomos criados para estudar até o Ensino Médio, quem sabe cursar uma faculdade, preferencialmente Engenharia ou Direito, depois casar, ter filhos e levá-los para tomar sorvete depois da missa de domingo. Basicamente seria só isso, mas eu resisti me refugiando no mundo das palavras.

Logo que me alfabetizaram e se deu a “mágica” de unir sílabas que formariam palavras e depois sentenças inteiras, pedi ao meu pai que me levasse à biblioteca pública da cidade. Já havia me cansado de “decifrar” anúncios publicitários, casar sílabas em placas de lojas e em cartazes comerciais. Eu queria mais, tinha fome de descobrir o mundo pelos olhos dos outros, sem saber ainda que assim eu estaria me descobrindo a mim mesmo.

A biblioteca era um lindo solar do século XIX, situado no centro histórico de Boa Esperança, no sul de Minas Gerais. Dizia a tradição oral – compartilhada pelos meus primos e colegas da escola na época – que lá morou uma senhora muito má e que tratava com ruindade os seus homens e mulheres escravizados.

Era ao mesmo tempo emocionante e assustador visitar aquele local que portava tantos tesouros escondidos os quais eu tentava decifrar apenas pela capa ou pelo título. Sem qualquer

orientação sobre escritores renomados, assim eu ia escolhendo o que ler. Lembro com muito gosto da primeira vez, quando finalmente pude ter a minha ficha e pegar o meu primeiro livro. O título e o autor ou autora da obra, eu não vou lembrar, seria muito para mim. Mas me dá uma sensação tão boa saber que era um livro sobre os povos originários do nosso país, isso, mesmo passado muitos anos, ainda reside na minha memória afetiva.

Logo depois, a biblioteca municipal virou um refúgio para mim. Um esconderijo para uma criança que presenciava brigas, era chamado de “mariquinha” na escola, inclusive por uma professora e quase sempre via seu pai alcoólatra chegando nervoso em casa e descontando sua fúria por qualquer coisa que quebrasse o *script* que ele esperava de um dia comum.

Lembro de uma vez ter saído do colégio São José e ir direto para a biblioteca. Devo ter me atrasado mais de uma hora para chegar em casa e todos procuravam por mim. Levei umas boas chineladas da mãe, mas a minha fome pela biblioteca e, conseqüentemente, pelo mundo, só crescia.

Era muito comum no período da tarde, ir até lá, pegar um livro e sair lendo enquanto caminhava pelas ruas em direção à casa de minha avó com quem ficávamos para que meus pais pudessem trabalhar. O caminho sempre era mais longo que as histórias as quais eu devorava com urgência. Lembro de uma vez ter batido a cabeça em um poste enquanto caminhava distraído com os olhos vidrados nas páginas. Em muitas ocasiões as bibliotecárias disseram – “basta, você já pegou três livros hoje, deixa para ler mais amanhã”! E o processo ficha carimbada, leitura, caminho e as vezes algum tropeção se repetiria por mais alguns anos. Virei amigos das bibliotecárias e conforme eu ia crescendo, o número de páginas também iam aumentando. Não perdi o hábito de ler enquanto andava pelas calçadas de Boa Esperança, mas agora o número de páginas já era maior que o curto itinerário.

Já na minha conturbada e solitária adolescência e começo da vida adulta, comecei a escrever meus próprios textos. Eu imitava Clarice Lispector, escritora de quem nesse período eu já era um grande fã e de quem hoje não consigo mais ler uma frase sequer. Imagine, logo ela! O que há de mais grandioso em matéria de literatura não só brasileira, mas mundial, na minha mera e insignificante opinião. Depois passei a escrever versos, versos em prosa, memórias, fragmentos do dia, pequenos contos, um diário com a capa do Jimi Hendrix que foi descoberto pela minha mãe e passou pelas mãos de todos os membros da família, me expondo assim ao ridículo de mim mesmo. Até que de repente me desiludi e prometi para mim mesmo que não iria nunca mais escrever. Insegurança, falta do que falar, o medo do clichê, ou melhor, o medo de reproduzir uma vida de clichês e viver ou morrer “imerso no próprio mundo de palavras e de pensamentos”, como também escreveu Eliane Brum (2009, p. 01).

Mas um dia, não assim tão de repente, a gente descobre que não se escreve ou se tenta escrever “apenas por ser bonitinho”, como disse uma professora ao ler uma espécie de auto perfil na primeira vez em que tentei cursar jornalismo, mas tive que abandonar o curso por não poder pagar as mensalidades. Por meio dessa professora, percebi que como disse Clarice Lispector em entrevista concedida a Júlio Lerner no final dos anos 1970 – “no fundo a gente não quer mudar nada, mas desabrochar de uma forma ou de outra”. E completando com as palavras sempre tão pertinentes de Eliane Brum (2016) “contar é resistir e fazer marca, dando um contorno ao corpo. E fazer marca me leva ao segundo desacontecimento que abalou meu mundo interno. Escrever não exige apenas suor, exige alteridade”. E acrescentaria sob a égide de Michael Foucault (1999, p. 220) “a atividade transgressiva característica da literatura tem, como modelo, a loucura. É como se fazer literatura fosse enlouquecer a escrita, subverter, romper, contestar os limites impostos pela própria linguagem”.

Isso não seria uma tarefa fácil, visto que a relação entre a linguagem e as palavras de ordem, mostram a rigidez de seu uso que estaria do lado do poder, da homogeneidade, da ordem e da constância. O estereótipo e a informação seriam formas de atualização do ser da linguagem em seu uso costumeiro, fazendo a linguagem funcionar a partir da padronização e da noção de utilidade. Isso poderia ser observado em um simples bom dia trocado por duas pessoas, mas também por discussões mais calorosas, como política por exemplo. No entanto, a literatura seria uma linguagem sem poder, apontando para um modo de resistir aos padrões e aos códigos linguísticos. Ela seria um modo de resistência ao fascismo da língua – uma espécie de desvio que combate o enrijecimento e o poderio da linguagem estereotipada. (ALMEIDA, 2009).

É nesse sentido que a linguagem é resistência, pois como provocou Caetano Veloso “o que realmente quer, o que pode essa língua?”. Eu não sou capaz de responder a essa pergunta por completo. Por enquanto eu penso que escrever e ler seja uma atividade quase terapêutica. Afinal, e aqui parafraseando Anne Frank, as linhas são sempre mais pacientes do que as pessoas. Por meio delas, eu tento decifrar o desconhecido de mim mesmo conhecendo no rosto do outro um fragmento ou quem sabe até a totalidade de minha própria face externada por meio de palavras.

3. A escrita de si e do outro

Emmanuel Lévinas afirmou em sua obra “Totalidade e Infinito” (1961) que a “razão vive na linguagem”. Ainda de acordo com o filósofo judeu lituano que viveu o Holocausto, a “linguagem” seria o meio com o qual os indivíduos se comunicam com os outros, antes mesmo

de aprenderem a linguagem verbal. Quando se vê o rosto de outra pessoa, o fato de que este é outro ser humano, gera uma responsabilidade que é instantaneamente comunicada. Pode-se até se desviar dessa responsabilidade, mas não escapar dela. A razão surge dos relacionamentos cara a cara com outras pessoas.

Dentre as peculiaridades da ética de Levinas está também o fato dela se centralizar na obrigação fundamental da responsabilidade infinita não reduzida a normas morais. Em síntese, essa ética privilegia um tipo de compromisso existencial básico que fica definido a partir da presença do Outro como Rosto, que imediatamente impõe uma responsabilidade. Em Levinas, a ética é vista como morada do “Outro”, um lugar especial e voltado para o “Outro” (KONESKI, 2007).

No entanto, pode-se deduzir que a característica mais forte da ética levinasiana seja reconhecida como “ética da alteridade”, em outras palavras, a ética do outro. Antes de qualquer noção ou conceito, a relação ética para Levinas acontece no nível “relacional-subjetivo”. A estrutura ética deste pensador é regida por uma orientação de responsabilidade e de cuidado atrelados ao Eu e ao Outro. Este outro não é propriedade, mas um semelhante que não se pode machucar e para o qual “tiro o único pedaço de pão da minha boca para saciar sua fome”. É uma relação de obrigação, responsabilidade, compaixão e respeitabilidade. (MELO, 2003, p. 54).

Emanuel Lévinas (1997, p. 27) diz que “a alteridade só é possível a partir de mim”. Ou seja, “sou eu” que percebo o outro, da mesma forma que o “Eu não seria o Eu sem a presença do Outro, o Eu só existe porque o outro me olha.” Esta ética se fixa na presença do Rosto do outro. O Rosto em Levinas revela a completa exposição, vulnerável à violência, mas que ao mesmo tempo “nos proíbe de matar”, pois, para o filósofo, a nudez do Rosto revela sua absoluta fragilidade, e é nessa vulnerabilidade que se encontra a responsabilidade e o respeito do Eu para com o Outro.

O conceito de Rosto em Lévinas é paradoxal, ele é simultaneamente materialidade (corpo sensível) e o que transcende essa materialidade. O Rosto é a face do Outro, mas o que o define especialmente é o que o transcende, no gesto, no olhar, nas ações. Assim, o que é Rosto não é o que coincide com o seu original (o corpo), com o que é visto do Outro quando se está face a face com ele, mas o que transcende esse original. (LÉVINAS, 1997).

A tese central de Lévinas, opondo-se radicalmente a Heidegger, afirma que a relação ao outro “consiste certamente em querer compreendê-lo. Mas a relação (da alteridade), excede esta compreensão.” Significa que: “outrem não é, primeiramente, objeto de compreensão e, depois, interlocutor” (LÉVINAS, 1997, p. 27). Para Levinas, este nível de intersubjetividade permanece insuficiente para romper as amarras ontológicas e para garantir a radicalidade da relação com a

alteridade. Faz-se imprescindível manter a relação, que é linguagem. Mas a originalidade provem precisamente do outro que é em si mesmo significação, palavra ética.

O outro é significação, mas significação sem contexto, nem horizonte, nem fundo cultural. De ordinário, vive-se num contexto e dele recebe significação. Porém, uma redução fenomenológica levada até o fim transpõe os cenários todos e a própria mundaneidade. O outro é sentido por si só. “Tu és tu absolutamente. Compreensão alguma pode abarcá-lo, superando os poderes do Eu ou da totalidade. O outro é o que não pode ser contido, que conduz para além de todo contexto e do ser” (LÉVINAS, 1997).

Após apresentar algumas questões sobre alteridade, de acordo com o pensamento de Levinas, estende-se a discussão por meio de outra filósofa. Aproximando-se de Lévinas, Judith Butler (2015), em sua obra “Relatar a si mesmo: crítica da violência ética”, contribui para a ampliação de conhecimentos acerca de conceitos como sexualidade, gênero, corpo, ética e moral.

Além disso, a filósofa estadunidense apresenta profunda reflexão sobre nosso tecido social ao dialogar com outros autores como Nietzsche, Foucault, Hegel e o já citado, Emanuel Lévinas. Mas o grande questionamento evocado neste memorial e que norteia todo o livro é o seguinte: como um sujeito pode narrar a si mesmo? Em outras palavras, o que seria o “si mesmo” se somos resultados de um conjunto de atravessamentos sociais que o forja, o constrói constantemente?

O que é deixado de lado se assumimos, como alguns, que a narrativa nos dá a vida que é nossa, ou que a vida acontece de forma narrativa? A “minhidade” [mineness] da vida não é necessariamente sua forma narrativa. O “eu” que começa a contar sua história só pode contá-la de acordo com normas reconhecíveis da narração de uma vida. Podemos então dizer: na medida em que o “eu” concorda, desde o início, em narrar a si mesmo por meio dessas normas, ele concorda em circundar sua narrativa por uma exterioridade e assim desorientar-se na narração através de modos de fala cuja natureza é impessoal. (BUTLER, 2015, p. 63).

Ainda de acordo com a concepção da autora, o sujeito não pode narrar a si mesmo sem se responsabilizar-se, e essa responsabilidade não está alheia às condições sociais em que está inserido. Além disso, Butler diz que o ato de narrar, de falar de si é uma tarefa sem fim. Sem fim, pois, ao falar de si, fala-se de tudo o que constrói o “si mesmo” e, nesse processo, o sujeito não sabe o que é dele ou da sociedade que o molda. Em outras palavras, não sabemos o que são interesses particulares e os interesses sociais, visto que “não somos simples díades independentes, uma vez que nossa troca é condicionada e mediada pelas convenções, pela sedimentação das normas que são de caráter social e que excedem a perspectiva daqueles envolvidos na troca”. (GARCIA, 2017 *apud* BUTLER, 2015, p. 69).

A partir do referencial teórico abordado até aqui, pode-se deduzir que a crônica parece caber confortavelmente no campo da autoficção. Afinal de contas, ela não é mentira, mas também

não está restrita à veracidade dos fatos como exige a notícia. Ao trabalharmos com as crônicas estamos até lindando com a realidade, contudo, sem o compromisso da notícia factual.

No artigo “**Escrita de si como performance**”, Diana Klinger (2008) discute o conceito de autoficção como específico da narrativa contemporânea. Ainda de acordo com a pesquisadora, “a autoficção é pensada como um discurso ambivalente: ela faz parte da cultura do narcisismo da sociedade midiática contemporânea, mas se coloca numa linha de continuidade com a crítica estruturalista do sujeito e com a crítica filosófica da representação.” (KLINGER, 2008, p. 11).

Assim, ela tem pontos de contato tanto com a teoria da “performance de gênero” (por exemplo, na obra de Judith Butler) em que a subjetividade é pensada como “desnaturalização” do eu, quanto com a arte cênica da performance. Dessa perspectiva, a autoficção seria uma das formas que assumem a literatura depois do fim do paradigma moderno das letras.

Uma das questões atuais que atravessam a prosa literária, sobretudo na América Latina, é a presença “problemática” da primeira pessoa autobiográfica. Isso faz com que seja difícil descolar a figura do narrador da figura do autor. Na literatura hispano-americana, por exemplo, a questão aparece sintomaticamente em inúmeras narrativas recentes. Essas obras se situam além do paradigma moderno das letras, baseado em narrativas autônomas em relação com a figura do autor e em uma busca de uma linguagem literária claramente diferenciada da cultura de massas. A autoficção dá abertura a um amplo leque de possibilidades. Em alguns casos, o autor coloca seu nome no protagonista, em outros, os relatos têm índices referenciais mais concretos, com uma maior carga biográfica. Na maioria dos casos o narrador assume, “cinicamente”, todos os clichês do “politicamente incorreto” e o que faz com que a primeira pessoa imprima ao texto uma carga política muito forte. Pode-se deduzir que essa seja a característica de uma sociedade na qual a mídia tem insistido na visibilidade do privado, na espetacularização da intimidade e na exploração da lógica da celebridade. Uma cultura midiática que manifesta uma ênfase tal do autobiográfico, que leva a pensar que a televisão se tornou um substituto secular do confessionário eclesiástico e uma versão exibicionista do confessionário psicanalítico. (KLINGER, 2008).

Dessa ótica, assumindo a tensão entre o que pode ser uma coisa e seu contrário, podemos agora postular, no que diz respeito ao espaço público/biográfico, a articulação indissociável entre o eu e o nós, os modos como as diversas narrativas podem abrir, para além do caso singular e da “pequena história”, caminhos de autocriação, imagens e identificações múltiplas, desagregadas dos coletivos tradicionais, e consolidar assim o jogo das diferenças como uma acentuação qualitativa da democracia. Novas narrativas, identificações, identidades (políticas, étnicas, culturais, genéricas, sexuais etc.), novos modelos de vida possíveis, cuja manifestação à luz do público supõe a pugna e o conflito, assim como uma revalorização da ideia mesma de “minoría”,

não necessariamente na chave do “menor” em número ou importância, mas precisamente, no sentido de Deleuze, como diferenciação da norma – ou da “normalidade”, sempre majoritária – ou de hegemonia, que é desse modo desafiada. Nessa pugna – nenhuma “nova” posição de enunciação advém de graça no espaço discursivo social -, o desafio é justamente achar uma voz autobiográfica em seus acentos coletivos – que possa dar sentido a um mito de origem, a uma genealogia, a um devir – e defender, portanto, alguma condição de existência. (ARFUCH, 2010).

4. As crônicas

Para trabalhar com as crônicas, foi preciso entender seus formatos e suas origens. “Um gênero, chamado ora de menor, ora de literatura de bermuda, num chorrilho interminável de grandes clássicos de referência de bons momentos em nossa língua”, como acentua Santos (2005, p. 17). Ou ainda, “um gênero peculiarmente aclimatado aos modos brasileiros” de acordo com Silva Júnior (2013, p. 157). “Literatura ou jornalismo? Invenção, ou uma simples (e literal) fotografia da existência? Coisa séria, ou puro entretenimento?”, como provoca Castello (2007).

Realmente há quem acredite que a crônica não seja um gênero maior. Para outros pesquisadores, talvez possa parecer difícil uma literatura feita de grandes cronistas, com o mesmo brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. (CANDIDO, 1980). Para um leitor distraído, a citação anterior poderia ser o argumento raivoso de um detrator deste gênero complexo, polissêmico e genuinamente brasileiro. Paradoxalmente, no mesmo artigo, a crônica é defendida pelo pesquisador

porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1980, p. 1).

Como observado acima, a crônica abarca uma série de conceitos, definições e críticas que a torna, de certo modo, difícil de aprisioná-la em uma gaiola de significados. Há quem queira explicá-la ao pé da letra. Há os que tentam destrinchar o radical grego *chronos* chegando à aborrecida definição do dicionário: “compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo”. Outros defendem que a carta de Pero Vaz Caminha e suas impressões sobre a terra que mais tarde viria a ser chamada de Brasil seja nossa primeira matéria

no gênero. (SANTOS, 2005). Rebelde por natureza, a crônica novamente escapa, parece não aceitar definições precisas, eis a minha impressão.

As sagas dos viajantes e aventureiros que se arriscavam no mítico Mundo Novo, não queriam ser mais do que simples relatos de viagem. Essas crônicas históricas do passado, por assim dizer, aproximavam-se do inventário, do retrato pessoal, da correspondência. Suas narrativas estavam mais ligadas à história que à literatura. Tinham um caráter utilitário e pragmático. De forma sucinta, serviam para transmitir aquilo que se viu. (CASTELLO, 2007).

Caracterizada pela miudeza, mas portando o universal. Como se, na minúscula gota, ela também trouxesse a multiplicidade do oceano. Tal seria o destino da crônica moderna: concentrar, em seu pequeno “universo” de termos, tempos e ideias, significados vastos, da ética à poética. Originariamente, francês, o gênero se desenvolve ao longo do século XIX, fruto da evolução – técnica e política – dos jornais, que multiplicam sua capacidade de atuação. Antes restritos à elite burguesa, os diários de notícias tornam-se símbolo do novo homem, urbanizado e, necessariamente, alfabetizado.

No século XIX, com a sofisticação dos estudos históricos, e também com a expansão da imprensa, a crônica se afastou do registro factual e se aproximou da literatura e da invenção. Nossos primeiros grandes cronistas – Alencar, Machado, Bilac, João do Rio – foram, antes de tudo, grandes escritores. Eles descobriram na crônica o frescor do impreciso e o valor do transitório. E a praticaram com regularidade e empenho. (SILVA JÚNIOR, 2013, p. 159).

Mas foi ao longo do século XX que a crônica se firmou entre nós, assumindo posturas e feições realmente próprias. É no século XX que ela se torna – nas mãos de cronistas geniais como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Carlos Oliveira, Sérgio Porto, Rachel de Queiroz, Fernando Sabino, Henrique Pongetti – um gênero brasileiro. Ou, dizendo melhor: que ela se adapta e se expande no cenário da literatura brasileira. (CASTELLO, 2007).

Embora sempre se rebelando, rechaçando regras e conceitos prontos, catedráticos e até mesmo puristas, a reinvenção da crônica no Brasil passa, justamente, por certo correr desprezioso da pena, que, em gesto simples, miúdo, singelo, será responsável por consolidar novos métodos de contemplação, assim como de escrita e (re)escrita do mundo, da cidade, dos desejos urbanizados... Como se observa, a crônica está intrinsecamente ligada ao urbano, ao cotidiano, à cidade e às formas como elas se organizam. (SILVA JÚNIOR, 2013).

5. Deslocamentos

As artes modernas, sejam plásticas, música, literatura e outras expressões, tomam corpo

num contexto de grande transformação ocorrida principalmente a partir do século XIX, com a Revolução Industrial. Nesse contexto, conforme destaca Canton (2012), as pessoas saem dos campos e passam a ocupar as cidades, que crescem desenfreadamente ao ritmo frenético das linhas de montagens das grandes fábricas.

Quem melhor traduziu esse processo de urbanização das cidades e a mudança em suas visualidades foi o poeta francês Charles Baudelaire, que inventou o conceito de flâneur, aquele que transita sem rumo e percebe as entranhas da cidade moderna. (CANTON, 2012, p. 15).

Enquanto o poeta maldito “flana” em uma Paris que presencia importantes mudanças no modo de produção capitalista, no Brasil as cidades continuariam cumprindo bem o seu papel enquanto facilitadoras da aplicação da lei para manutenção de poder concentrado e privilégios, refletindo e ao mesmo tempo promovendo a desigualdade social no território urbano. Anos mais tardes, já no final do século XX, a imagem das cidades brasileiras parece estar associada à violência, poluição das águas e do ar, a crianças desamparadas, tráfego caótico, enchentes, entre outros inúmeros males. (MARICATO, 2003). Por meio de um exercício de reflexão mais abrangente, saindo um pouco do território brasileiro, sem contudo deixá-lo de lado, é possível fazer algum tipo de analogia com a escrita, palavra norteadora desse memorial e matéria prima de todo jornalista?

Raquel Rolnik (1995), em seu livro “O que é a cidade”, faz uso de analogias para defini-la, além de dissertar sobre as “grandes urbes capitalistas”, suas origens, movimentos internos conflitos e contradições. É que Rolnik entende os primórdios do que atualmente conhecemos como cidade tal qual um “ímã” capaz de criar “um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens” (ROLNIK, 1995, p. 12).

Outro ponto de destaque na obra, é a intrínseca relação entre cidade e escrita, ou seja, uma está diretamente ligada à outra, pois, de acordo com a autora, “na história, os dois fenômenos ocorrem quase que simultaneamente, impulsionados pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo”. (ROLNIK, 1995, p. 16).

Além da importância da escrita para o registro de riquezas das cidades, a autora aponta a própria cidade enquanto escrita, pois, através da arquitetura de cada cidade é possível “ler” suas histórias e imortalizá-las.

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (ROLNIK, 1995, p. 17).

Utilizando-se de uma analogia com as Civitas Romanas, Rolnik (1995) reflete se o papel político dos habitantes de determinada cidade é, atualmente, levado em consideração, ou se o que existe é apenas uma relação de submissão. A pesquisadora constata ainda que ao longo dos tempos, houve uma intensificação desse controle, fruto da instantaneidade das câmeras e dos computadores. Entretanto, esse mesmo espaço urbano controlador também pode ser palco de resistência de inúmeros movimentos populares. Seria, nesse sentido, as cidades também uma espécie de “dispositivo de controle”. Rolnik (1995, p. 21.) se aproxima do pensamento de Michael Foucault ao afirmar:

A relação morador da cidade/poder urbano pode variar infinitamente em cada caso, mas o certo é que desde sua origem cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habitante de uma cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos.

E é nesse espaço que a minha escrita se localiza, nas ruas, nos bares, nas calçadas, na relação com o outro e comigo mesmo.

6. Plano de trabalho e pauta estendida

Talvez eu possa afirmar, sem correr o risco de parecer presunçoso, que meu interesse pela sigla LGBTQIA+, enquanto objeto de reflexão, remonta a minha infância. Em certa ocasião, fui suspenso de determinada escola pública, onde cursava o Ensino Fundamental, acusado de “promover a desordem e a indisciplina”. Eu tinha apenas 10 anos e sequer sabia quem eu era. Apenas tinha consciência que era diferente dos outros garotos da escola. Esses tinham em mente uma gama de adjetivos para descrever-me. Adjetivos que me assombraram durante muito tempo. Da mesma forma, o assunto, ao longo dos anos, me perseguiu como uma sombra. Aos 13 anos de idade, fui “convidado” pelos meus pais (frios e indiferentes) a visitar uma psicóloga e esta me explicou detalhadamente, em descrições muito mais anatômicas que conceituais, o que era ser um “homossexual” (em meados dos anos 1990, a palavra “gay” não era tão usual e sequer tinha um caráter ético, como propôs Michael Foucault em sua obra “A História da Sexualidade”). Só que eu não me dei por satisfeito. Então eu seria só aquilo? Um homossexual? Questionava a mim mesmo, com minha cabeça de menino bobo e afeminado.

As terras fartas de Boa Esperança, no sul de Minas Gerais só me fizeram confirmar o que mais tarde se sucedeu – eu não poderia ficar ali. Viver nessa cidade com um destino pré-determinado ou sob o peso do estigma seria pior do que a morte propriamente dita. Hoje posso dizer isso sem grandes amarguras. Então foi assim que, grosso modo, em fevereiro de 2016,

cheguei a Mariana.

Eu não tinha a menor noção do que era a “Primaz de Minas”. Apenas precisava ir para algum lugar. Que fosse Katmandu, Rio de Janeiro, Espírito Santo... Ainda bem que, mesmo inconscientemente e com tantos percalços posteriores, escolhi essa cidade histórica de Minas. Minúcias secretas, correntes do bem, uma energia boa que me acolhe e me guia. Eu era só um cara que saiu do sul do Estado com uma mochila nas costas e cerca de quinhentos reais no bolso em busca de um sonho. Que passou a conviver com uma cultura totalmente nova e diferente numa cidade provinciana, diferente em muitos aspectos de um sul branco e separatista. Novamente, apenas mais um “Silva”.

Na Universidade Federal de Ouro Preto, o meu interesse se fez crescer nos primeiros semestres do curso de Jornalismo, ao assistir às primeiras aulas da professora Marta Regina Maia e sua desconstrução de conceitos e verdades. Embora muitas coisas nos separe, entre elas a orientação sexual, passei a tomar muito gosto pelas aulas desta professora.

Eu tinha 33 anos recém-completados, já havia cursado Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda, e foi a primeira vez que ouvi falar, por exemplo, em Madame Satã. Foi também a primeira vez que um professor não sentou à cátedra para se elevar perante seus alunos. Ao invés disso, me passou a impressão de que as coisas que eu tinha a dizer, de certo modo, importavam.

Por meio dessas aulas, constatei que, ao modo de Madame Satã, eu também precisaria me armar com navalhas. Mas navalhas de conhecimento. Foi então que, desprovido de qualquer conhecimento sobre a linguagem acadêmica, eu forjei um projeto – entender um fragmento daquilo que eu era. Confesso que em meio a esse processo me senti perdido, muitas vezes desorientado. Talvez eu tenha até assumido um ar de arrogância para tentar mascarar as minhas dúvidas e o meu medo. Mas eu tinha que ir adiante, de repente era tarde demais para voltar ou estagnar.

O meu interesse pelas disciplinas da professora Marta provaram que eu havia tomado escolhas diferentes das que eu realmente desejava para mim anteriormente. Quero com isso dizer que o contato com a professora doutora Marta Maia moldou totalmente um novo mundo que de repente se apresentou diante dos meus olhos. Ela inclusive foi responsável por algumas decisões que mais tarde eu viria a tomar. Mais uma vez os mestres cumprem o seu papel. Não o de fazer com que pensemos com os pensamentos deles. Mas que sejamos capazes de aprender a pensar por si mesmos. Quem aprende a pensar por si mesmo se sente mais livre, hoje tenho certeza disso.

Assim, meu percurso dentro da graduação em jornalismo, no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (e não só nela, mas toda minha vivência na cidade de Mariana e na UFOP), sempre

pareceu sombreado pela clareza de que, fosse por que caminho, eu teria que abordar esse assunto mais tarde. Em certos momentos, tinha em mim a nítida sensação de portar água fresca, mas sem saber exatamente onde morava a minha fonte. Onde entraria o jornalismo nesse meu objeto? Mas o tempo, as conversas com minha orientadora e as minhas leituras foram aos poucos me norteadando.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso foi escrito num momento de muita dor (algumas literais), de grande solidão (no sentido mais amplo da palavra) e de crises profundas de depressão e euforia em um ano marcado pela pandemia do novo coronavírus, decretado pela Organização Mundial da Saúde, em 11 de março de 2020.

Muito do que foi escrito aqui, acabei vivenciando enquanto escrevia durante um duro autoexílio na casa dos meus pais, onde flashes de memórias da minha infância e adolescência explodiram bem na minha cara e, novamente, me invadiram. Talvez eu tenha misturado tudo com o meu Trabalho de Conclusão de Curso: vivências muito particulares, naturezas minhas, diferentes leituras, interesses pessoais e experiências do passado que voltaram a me assombrar feito espectros teimosos e preteridos. Mas onde está o mal nisso? É preciso encará-los de frente, dessa vez sem fugir!

Quem sabe as minhas pesquisas no campo prossiga depois deste trabalho. Talvez eu passe a pesquisar a sexualidade humana como um todo. Não sei. O fato é que eu (mesmo com toda a pressão e angústia) passei a tomar gosto pela coisa. Talvez aí more um certo perigo.

Lembrar de algumas decepções que sofri na cidade dos meus pais talvez seja um assunto bobo demais. Mas algumas pessoas simplesmente envenenaram a minha atmosfera familiar. A alegria de ter bons amigos, minhas ideias e sentimentos. Recorrendo a lembranças desprezadas, jamais esquecidas, direi que desde a minha recuada vida de adolescente o tema “convivência e amizade” desapareceu de minha constituição mental. No entanto, esse processo de desaparecimento me foi muito doloroso. E ao mesmo tempo muito proveitoso, hoje sou capaz de concluir. E agora esse período de auto confinamento retorna à minha memória como um filme sem cortes. Cenas que faltam, cenas que nada tem a ver umas com as outras. Mas ainda assim agrupadas, amarfanhadas, tal qual um filme que tem apenas 45% de valor em termos de distribuição comercial.

Espero que aqueles que porventura lerem esse trabalho, consigam nele enxergar o mesmo valor de substância que o tem para mim. E que isso pelo menos sobrepuje à minha falta de técnica, estilo ou profundidade. Eu não o vejo como um mero trabalho acadêmico, mas como o início de um ciclo. Esse Trabalho de Conclusão de Curso tem para mim o gosto de um acerto de contas.

E de repente reacende em mim, brusco e atormentado o desejo de resgatar o tempo

perdido. Esse tempo começou agora...

A princípio, esse produto jornalístico seria um livro de perfis e não um livro de crônicas. Na verdade, não tenho predileção por um formato em detrimento ao outro. Mas o mote até então apresentado e defendido no “Trabalho de Conclusão de Curso I” precisou ser descontinuado por várias razões. A primeira delas diz respeito às medidas de segurança impostas pelas autoridades de saúde para conter a disseminação do novo coronavírus. Havia a preocupação de expor as minhas fontes e a mim mesmo ao contágio, afinal, creio que seja muito difícil fazer um perfil sem que haja o “olho no olho”, a observação, o contato mais íntimo possível entre entrevistador e fonte. Além disso, os perfilados teriam em comum o fato de serem moradores de Boa Esperança, cidade da qual precisei sair às pressas após ter sofrido um ataque homofóbico de meu irmão mais velho que, além de violento, ainda é dependente químico e ameaçou me matar.

De volta a Mariana, eu tive a ideia de propor à minha orientadora a produção de um livro de crônicas. Assim eu não teria a obrigatoriedade de entrevistar ninguém ou permanecer na cidade dos meus pais e ao mesmo tempo eu poderia lançar mão da criatividade, do imaginário, ainda que as crônicas fossem lapidadas a partir do cotidiano. Acho importante ressaltar também que embora o contexto pandêmico ainda esteja presente, as crônicas reunidas no livro não tratam a pandemia com exclusividade, ainda que sombreadas por essa realidade.

6.1 Breves apontamentos sobre o Projeto Gráfico

Além dos capítulos, o livro conta com prefácio e apresentação, além de folha de rosto, verso da folha de rosto, dedicatória, epígrafe, sumário e a seção sobre o autor.

As fontes usadas no livro são a Minion Pro (regular, italic, medium italic, bold e bold cond), Adobe Garamond Pro (regular) e Orator Std (medium).

Já as dimensões das páginas, pensando na impressão, são de 21 x 14 centímetros, um formato para livro de bolso.

Por fim, as cores usadas são o branco e dois tons de preto, um escuro e o outro mais acinzentado (nos detalhes da capa e da contra-capas).

6.2 Processo criativo

Lembro-me da primeira de muitas crises enfrentadas durante a escrita do livro “Crônicas do cotidiano: o outro em mim”. Não sei se levado por uma febre de baixa autoestima, mera insegurança ou medo de me sentir presunçoso, cheguei a considerar tudo aquilo que escrevia

como irrelevante. Até hoje, esse substantivo (alguns consideram adjetivo) me causa arrepios. Inclusive, comentei com a minha orientadora, a professora Marta Maia, que estava com dificuldade de me assumir um “escritor” durante o processo de criação.

Sei que ninguém escreve (ou pelo menos não deveria) para fazer tipo. Ou simplesmente porque acha bonitinho. Talvez os grandes escritores e escritoras (ou pelo menos aqueles e aquelas que muito admiro) escrevam por uma necessidade orgânica, muito parecida com a necessidade banal, porém essencial, que é tomar água, por exemplo. Quem sabe a necessidade de se expressar esteja muito mais ligada à necessidade de desabrochar, de botar algo para fora, externar, do que “mudar o mundo”, por exemplo. Mais uma vez, recordando Clarice Lispector, me recordo de uma de suas frases que sempre me impactou: “quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo”.

Fiquei muito comovido, ao relatar essa dificuldade em me assumir enquanto escritor e receber a seguinte resposta de minha orientadora: “Você não necessariamente precisa se assumir um escritor, mas deve se assumir como jornalista”. E ela estava mais do que certa.

Após quase cinco anos cursando jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto, passando pelos maiores perrengues, não dava para voltar atrás. Foi aí que percebi – me assumir um jornalista já era algo muito concreto e ao mesmo tempo distante do sonho de um adolescente. Mais que isso, o sonhado diploma poderia vir a partir de uma coisa que adoro fazer – escrever. De repente, até mesmo como se isso fosse uma novidade para mim, apreendi que jornalistas escrevem crônicas, esse gênero difuso, híbrido, camuflado de notícia, mas vestido de literatura. E melhor que isso, elas poderiam me dar a liberdade de tentar ousar, de fazer uma oficina de escrita, esticar o elástico da criatividade, mesmo quando tudo o que tinha a dizer parecia tão pouco e desimportante, afinal, estávamos (e ainda estamos vivendo) uma pandemia que impossibilitava o transitar pelas ruas, xeretar acontecidos, registrar diálogos que por sua vez me lembraria de alguma anedota.

Durante todo o processo criativo de “Crônicas do cotidiano: o outro em mim”, e isso fica bem mais claro depois do livro pronto, eu tentei estabelecer um tipo de contato com o outro, ainda que esse contato estivesse baseado no meu mais íntimo diálogo interior.

Talvez isso fique bastante explícito já na primeira crônica - “Carta escrita em Mariana e que nunca será enviada a você”. Nessa espécie de missiva inspirada em “Lixo e Purpurina”, do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, um “eu” desesperado se dirige a um “você” inalcançável, incapaz de ouvir as impressões de um emissor paralisado perante a dificuldade de viver em uma cidade parada no tempo em meio à pandemia do novo coronavírus.

Essa mesma tentativa de estabelecer um tipo de comunicação com o outro é percebida também na crônica “Caminhante Noturno”. No texto, um homem acompanha, da sacada de seu

apartamento, um outro homem caminhando numa avenida, sem máscara, mesmo diante de um país que já registrava mais de 600 mil mortes causadas pela Covid-19. O fato do caminhante não ter um nome ou uma face, ou seja, ser um anônimo não impossibilita a tentativa de contato. “Um homem da pele pálida, nariz grande, barba por fazer. Isso era apenas o que eu sabia dele, mas já o amava. O amava pois ele era tão anônimo quanto eu”, diz um trecho da crônica.

Esses dois exemplos de crônicas são relevantes para citar outra dificuldade encontrada no processo criativo: o medo de parecer demasiadamente pessoal. Ao mesmo tempo em que me sentia confortável ao me esconder atrás de uma espécie de “eu lírico”, esse recurso empregado na poesia que, grosso modo, se caracteriza como uma voz que expressa emoções, sentimentos, pensamentos e/ou opiniões, também me preocupava em parecer literário demais. Uma das características da crônica é ser uma espécie de retrato do cotidiano, ainda que muitas vezes ela possa ter sua veracidade colocada em xeque.

Embora levemente temperadas com o fictício, todas elas partiram de vivências particulares e reais. É o caso, por exemplo, da crônica “Vizinhas”, registro de duas mulheres conversando sobre a sexualidade alheia e “Na Academia”. Nesta, um homem totalmente aquém de seu tempo, em termos de transformações sociais, assume um tom machista, ao mesmo tempo em que tenta se rebelar contra os padrões físicos impostos pela indústria da saúde, padrões esses disseminados pelas redes sociais, como Instagram.

Apesar da pandemia, da reclusão, das crises criativas e das inseguranças, retomei o prazer de escrever crônicas, o que eu já havia feito esporadicamente durante o curso de jornalismo. Sabia que escrever uma crônica ou outra não seria problema para mim. Mas escrever várias traria um pressuposto de compromisso, o que de imediato eu aceitei. Por isso, desde o começo de junho de 2021, todos os sábados e domingos, eu tirei algumas horas para pesquisar, rememorar acontecimentos, sacudir certezas, e, enfim, sentar na frente do computador.

Outras vezes, eu me sentava de frente à máquina por horas, bebendo café e fumando, esperando preencher a folha virtual de “papel” em branco. Quanto mais eu queria escrever, contar coisas, narrar acontecimentos, mais eu me dava conta do meu silêncio. Escrever é um processo extremamente solitário. Às vezes vem à medida em que pensamos, os dedos deslizam velozes pela tecla, muitas vezes eles não conseguem acompanhar o fluxo do pensamento. Mas também há momentos em que tudo parece acontecer em câmera lenta, é preciso dividir os momentos, os cenários mentais, como se fosse preciso acompanhar uma dança lenta, prestando muita atenção para não pisar no pé de quem lhe acompanha.

7. Análise de Resultados

Após concluído o livro ‘Crônicas do Cotidiano: o outro em mim’, é possível pensar sobre o seu processo de produção e o contexto no qual ele foi criado para assim fazer uma análise dos resultados. Tudo teve início lá em 2017, nas aulas de “Redação em Jornalismo”, ministradas pela professora Marta Maia, no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de

Preto (Icsa/Ufop). A afinidade é uma coisa difícil de explicar, mas como eu já disse e reitero: tomei muito gosto por essa disciplina que nos possibilitava explorar o imaginário, ir além e ousar em matéria de linguagem escrita. Eu contava os dias da semana, louco para ir ao laboratório onde aconteciam as aulas.

Isso tudo me causou estranheza no início, visto que eu já havia cursado uma faculdade de Comunicação anteriormente e nunca tinha passado por esse tipo de experiência. Somente algum tempo depois foi que descobri: aquela professora que tinha um jeito de se comunicar de um modo tão diferente com seus alunos, dona de um discurso extremamente sedutor e desconstruído também era uma referência nos estudos de perfis jornalísticos no país.

Algum tempo depois, considerando a Universidade como espaço do reconhecimento das diferenças e da promoção da interação social, foi criado, em abril de 2018, o projeto “Vidas: Gênero, Diversidade e Sexualidades”, a partir do Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência (PIDIC/UFOP), lançado pela Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da UFOP, sob a coordenação da professora Marta Maia.

Sendo parte integrante da sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros), não pude ficar de fora desse belo projeto, onde atuei menos do que gostaria, em função do meu trabalho, como bolsista voluntário. Foi no Projeto Vidas que tive o primeiro contato com artigos e livros de Judith Butler, pensadora cada vez mais relevante não só nos Estudos de Gênero, mas também na Ética e na Filosofia Política. Outras discussões propostas por Michel de Certeau, Leonor Arfuch e Emmanuel Levinas, indicações da professora Marta, também foram muito relevantes para a construção do livro.

Neste sentido, foi da filosofia de Emmanuel Levinas de onde eu mais bebi. Para o filósofo, o outro deve ser percebido com alteridade, pois só assim ele pode ser absolutamente Outro: incompreensível, incontornável, transcendente, fonte das grandes experiências de vida e base genuína da ética, para além da religião. ‘Crônicas do Cotidiano: o outro em mim’ busca apreender esse Outro proposto por Levinas, Outro que também sou eu.

A leitura dos autores citados acima e também de outros como Diana Klinger, José Castello e Antonio Candido ocorrem durante todo o processo de construção do trabalho. Acredito que o alimento de quem escreve é a escrita, então também continuei com a leitura habitual dos escritores e escritoras que admiro: Caio Fernando Abreu, Hilda Hilst, Michel Foucault e tive um reencontro com Clarice Lispector. Essa última autora eu já havia abandonado há algum tempo, depois que conclui a leitura de toda a sua obra, mas não sei por qual razão voltei a lê-la. Foi uma espécie de “volta do filho pródigo”. Também reli “Paraísos Artificiais” de Charles Baudelaire, o poeta lito que criou conceito de flâneur.

A produção desse livro de crônicas não foi uma tarefa fácil, como já disse detalhadamente nesse memorial. Mas no fim, a impressão que tive foi a de ter feito um mergulho dentro de mim mesmo. Como um curioso escafandrista, explorei as minhas cavernas interiores, assim como tentei ao máximo que me é permitido explorar a dos outros. Talvez ao fim tenha encontrado muito mais perguntas do que respostas, mas isso não é de todo mal. Afinal, são os questionamentos que nos guiam, a dúvida que nos move, a resposta que nos estimula.

Eu gostaria que tanto que esse memorial quanto o livro fossem lidos com prazer, um prazer descompromissado, quase distraído. Principalmente, que eles não fossem recebidos como mero trabalho acadêmico, cheio de uma linguagem especulativa e nada sedutora. Eu tentei ao máximo apreender as falas que ouvi nas filas dos bancos, na espera para ser atendido no caixa de supermercado, na antesala do dentista, o meu diálogo interior ao acordar às quatro da manhã de sobressalto, a sensação de ouvir os sinos batendo numa cidade histórica de Minas, o nome que se deve dar àquele cheirinho quente da chuva quando bate no chão. Eu quis que a minha linguagem fosse clara, atual e que as crônicas fossem flashes do olhar. Acredito que tenha cumprido o que me propus a contento, mas acho que isso eu só vou saber quando alguém me contar.

8. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Leonardo Pinto. Literatura e a experiência do escrever: algumas reflexões sobre a resistência no seio da linguagem. *Rev. Filos.*, Aurora, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 87-106, jan./jun. 2009

ARFUCH, Leonor. Entre o público e o privado: contornos da interioridade In: ARFUCH, Leonor, tradução, Paloma Vidal. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 83-110

BRUM, Eliane. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. Porto Alegre:

Arquipélago Editorial, 2017.

BRUM, Eliane. **Vida de Clichê**. Revista época, 2009. Disponível em:

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI89375-15230,00-VIDA+DE+CLICHE.html>. Acesso em 23 de outubro de 2021.

BURGOS, Marcelo Baumann. Cidade, Territórios e Cidadania. DADOS–Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol.48, nº 1, 2005, p.189 a 22.

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Tradução Rogério Betonni. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SABINO, Fernando. A última crônica. In: Para gostar de ler: crônicas. Carlos Drummond de Andrade... [et. al.]. V. São Paulo: Ática, 1980.

CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1990, p. 157-217

CANTON, Kátia. Do moderno ao contemporâneo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

CASTELLO, José. Crônica, um gênero brasileiro. Digestivo Cultural, 2007. Disponível em: http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=228&titulo=Cronica,_um_genero_brasileiro. Acesso em 20 de outubro de 2020.

FOUCAULT, Michel. A loucura, a ausência da obra. In: _____. Ditos e escritos I. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999a.

GARCIA, Ana Luíza Casasanta. Revista Relicário. Uberlândia. v. 4 n. 7. jan./jun. 2017

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. Disponível em:

<https://abralic.org.br/downloads/revistas/1415542249.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, legislação e desigualdade. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n48/v17n48a13.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade. Tradução: José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

ROCHEFORT, Michel. CIDADES E GLOBALIZAÇÃO. Mercator, Fortaleza, v. 1, n. 2 de janeiro 2009. ISSN 1984-2201. Disponível em: <

<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/177> >. Data de acesso: 09 out. 2021. doi: <https://doi.org/10.4215/rm.v1i2.177> .

ROLNIK, Raquel. O que é a cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203).

SILVA JÚNIOR, Maurício Guilherme. A crônica e seus “níveis de realidade”: estratégias de Carlos Heitor Cony segundo conceito de Ítalo Calvino. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 155-179, jul./dez. 2013. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/42110/28538> Acesso em: 10 set 2021.